

Entrevista com Ronald L. Numbers

Ronald L. Numbers é professor emérito da *University of Wisconsin-Madison* (EUA). É bacharel em Matemática e Física pela *Southern Missionary College* (1963), mestre em História pela *Florida State University* (1965), e doutor em História da Ciência pela *University of California, Berkeley* (1969). Suas pesquisas e produções concentram-se nas áreas de História da Ciência, História da Medicina, História da Religião, Estudos de Ciência e Religião e História dos Estados Unidos. Seu trabalho sobre a história do Criacionismo, *The Creationists: From Scientific Creationism to Intelligent Design* (2006), é hoje a principal referência no assunto. Seu livro mais recente é *The Warfare between Science and Religion: The Idea That Wouldn't Die* (2018), coeditado com Jeff Hardin e Ronald A. Binzley, no qual apresenta uma reavaliação da historiografia produzida acerca das relações entre ciência e religião.

Entrevista concedida via telefone a **Henrique Rodrigues Caldeira** e **Laura Jamal Caixeta**, discentes na linha de Cultura e Ciência na História, do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG e membros da Comissão Editorial da Revista Temporalidades.

[Revista Temporalidades] Gostaríamos de começar com algumas perguntas sobre sua trajetória. Hoje o senhor é um dos mais importantes pesquisadores na área de História da Ciência e Religião. O que o levou, no princípio, a se dedicar a esse assunto?

[Ronald L. Numbers] Bem, inicialmente, na graduação, estudei matemática e física. E, por pouco tempo, fiz pós-graduação em matemática – mas descobri que não se podia conversar com as pessoas sobre matemática (risos). E eu queria uma disciplina mais social para estudar. Então, quando ainda morava no estado da Flórida, visitei a Universidade Estadual da Flórida para explorar a possibilidade de fazer Ciências Sociais. O diretor do programa de mestrado em Ciências Sociais me desencorajou a inscrever. Como eu amava ler História, então fui para o Departamento de História ao lado e eles me receberam bem. Então decidi fazer mestrado em História e eles tinham um professor que ensinava História Intelectual e História da Ciência. Eu não fazia ideia de que

existissem tais animais! E eu os amei. E me saí bem. E quando estava terminando, eu me inscrevi para a Universidade da Califórnia, Berkeley, para fazer doutorado em História da Ciência, e fui aceito. E, entre 1965 e 1969, estudei em Berkeley. Quando comecei lá, pensei que fosse trabalhar com a História da Física no século XIX, especialmente termodinâmica. Mas meu orientador, A. Hunter Dupree, havia escrito uma biografia fantástica do Asa Gray (o principal discípulo de Darwin nos Estados Unidos), que era muito religioso. E aquela foi a primeira vez que eu percebi que o estudo de Ciência e Religião era um tópico legítimo na História da Ciência. Então, basicamente, das ciências físicas eu me agarrei à filosofia da Hipótese Nebular e essa foi minha tese – e deveria ter sido meu primeiro livro¹, não tivesse a editora da Universidade e Washington demorado seis anos para publicá-lo. Então, *Prophetess of Health: A Study of Ellen G. White*², o segundo livro que escrevi, tornou-se meu primeiro livro. Hoje em dia, jovens acadêmicos esperam ter sua tese revisada e publicada em um ano e pouco. E eu sempre os desencorajo com a minha história (risos).

[RT] Falando sobre livros, suas primeiras publicações foram dedicadas à História da Ciência e Religião em contextos mais domésticos, restringindo-se basicamente aos Estados Unidos e ao cristianismo. Recentemente o senhor tem escrito e editado livros com um escopo mais amplo, abordando outros contextos nacionais e religiosos. O que motivou essa mudança?

[RLN] Bem, creio que é apenas parte de amadurecer e expandir meus interesses. É muito raro ver um jovem acadêmico escolher um tema realmente amplo para sua tese. Acho que essa é a curva normal. Começa com um estudo mais focado. Mas quando eu vim para cá [Madison, Wisconsin], em 1974, Wisconsin tinha um departamento bem estabelecido de História da Ciência, com mais ou menos meia dúzia de historiadores. E eu vinha de um contexto muito religioso. A maioria dos meus parentes homens eram pastores. E o diretor desse programa de História da Ciência era o David Lindbergh (recentemente falecido). E ele também vinha de um contexto evangélico conservador, e seu pai também era pastor. Então nós nos demos muito bem. Ele trabalhava com coisas antigas, principalmente Idade Média e Revolução Científica. E eu trabalhava com século XIX e XX. Não havia bons estudos gerais de História da Ciência e Religião na época. Então esbocei um com diferentes capítulos e ele adorou. Ele ainda não havia feito nada relacionado à História da

¹ NUMBERS, R. *Creation by Natural Law: Laplace's Nebular Hypothesis in American Thought*. Seattle: University of Washington Press, 1977.

² NUMBERS, R. *Prophetess of Health: A Study of Ellen G. White*. New York: Harper and Row, 1976.

Ciência e Religião. Então nós conseguimos um subsídio e organizamos uma conferência, que resultou no livro *God and Nature*³, que teve bastante sucesso, embora fosse um pouco mais técnico do que tínhamos imaginado. Então, cerca de 20 anos mais tarde, nós fizemos outra coleção de ensaios, *When Science and Christianity Meet*⁴, que é mais acessível. Mas foi colaborar com o David Lindbergh que me lançou nesses trabalhos mais amplos.

[RT] Ainda sobre ampliação e internacionalização, em *Galileu vai para a prisão...*⁵ o senhor chama atenção para o fato de que o criacionismo, apesar de seu *pedigree* norte-americano, espalhou-se para várias partes do mundo, incluindo o Brasil. Isso parece ter acontecido particularmente nos anos 1960 e 1970, quando muitos outros produtos etiquetados com “*Made in USA*” tomaram o mundo, desde camisetas e calças jeans a filmes de ação e ideias de livre mercado. Na sua visão, há alguma relação entre essa alta taxa de exportação do criacionismo e de outros produtos norte-americanos?

[RLN] Acho que há paralelos interessantes. Penso que tenha sido mais nos anos oitenta e noventa que o criacionismo realmente se espalhou mundo afora. Antes, especialmente nos anos 1920, quando o rótulo “*Made in USA*” foi colado no criacionismo, a maioria dos comentadores de outros países riam dos “caipiras” norte-americanos (em Tennessee especialmente, por causa do Caso Scopes⁶) e pensavam que algo como aquilo nunca aconteceria em seus países. Mas, 60 anos depois, o criacionismo começou a aparecer em outros países; na Austrália, especialmente. A Coréia do Sul se tornou um importante promotor do criacionismo de estilo norte-americano. Uma das coisas que aconteceu naquele período, no final do século XX, foi que criacionistas pegaram o criacionismo bíblico e tiraram as referências bíblicas e começaram a vendê-lo como “criacionismo científico” ou “Ciência da Criação”. E em alguns lugares isso parece ter ajudado bastante, pois eles podiam dizer: “Nós estamos apenas adotando ciência norte-americana ou ocidental”.

Eu ajudei a organizar uma conferência há alguns anos sobre criacionismo na Europa, cujos registros apareceram como livro, *Creationism in Europe*, editado por Stefaan Blancke, Hans Henrik

³ NUMBERS, R.; LINDBERGH, D. *God and Nature. A History of the Encounter between Christianity and Science*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1986.

⁴ NUMBERS, R.; LINDBERGH, D. *When Science and Christianity Meet*. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

⁵ NUMBERS, R. (Ed.). *Galileo Goes to Jail and Other Myths about Science and Religion*. Cambridge: Harvard University Press, 2009. (Há uma edição portuguesa: NUMBERS, R. (Ed.). *Galileu na prisão e outros mitos sobre ciência e religião*. Lisboa: Gradiva, 2012.)

⁶ Ocasão em que um professor do ensino secundário, John T. Scopes, foi julgado e condenado por ensinar a teoria da evolução em uma escola no Tennessee, onde uma lei estadual proibia tal prática.

Hjerimitslev e Peter C. Kjærgaard⁷. Os contribuidores descobriram uma presença bem significativa do criacionismo na Europa. Agora eu estou colaborando com um sul-coreano, Park Hyung Wook, em um estudo sobre criacionismo na Ásia. E lá a história fica um pouco mais complicada, pois, por exemplo, você encontra alguns antievolucionistas entre os hindus na Índia, os quais tendem a não insistir nem um pouco em uma Terra Jovem⁸. Eles não aceitam a evolução humana, mas também não aceitam uma história teológica de seis ou dez mil anos. A pessoa que está contribuindo com um ensaio sobre o Japão, G. Clinton Godart, foca nos antievolucionistas budistas. E criacionistas budistas não são criacionistas da Terra Jovem. No entanto, na Coreia do Sul, a maioria dos criacionistas são antievolucionistas de estilo norte-americano.

[RT] Nos últimos anos, temos visto – tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos – uma presença crescente de movimentos questionando o conhecimento científico consensual, desde a esfericidade da Terra, o aquecimento global e a eficácia das vacinas. O senhor vê alguma relação entre esses movimentos e o criacionismo?

[RLN] Penso que é uma história complicada. De fato, vejo tanto organizações pró-evolucionistas quanto antievolucionistas ampliando-se para abarcar a questão da mudança climática. Uma das principais organizações anticriacionistas, a *National Center for Science Education*, agora está igualmente engajada em se opor aos que negam a ciência climática⁹. Algumas organizações criacionistas, como o *Institute for Creation Research*, estão promovendo a oposição à ciência climática tanto quanto o criacionismo. Mas não há uma relação lógica necessária.

Há um estudo interessante de um sociólogo da ciência e religião, John Evans, “Morals not Knowledge”¹⁰ (que tem uma versão gratuita disponível online¹¹), que mostra que as pessoas que ele entrevistou entre cristãos conservadores norte-americanos aceitavam a maioria das afirmações científicas. É apenas quando as afirmações científicas tocam em seus valores religiosos que elas resistem à ciência; quanto à maior parte da química e astronomia e física, elas não têm qualquer

⁷ BLANCKE, S.; HJERMITSLEV, H.; KJÆRGASARD, P. (Eds.). *Creationism in Europe*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2014.

⁸ O *Young Earth Creationism* [Criacionismo da Terra Jovem] é uma vertente comum do criacionismo norte-americano que afirma que nosso planeta tem entre seis e dez mil anos de idade.

⁹ Provável referência à National Center for Science Education (NCSE).

¹⁰ EVANS, J. *Morals Not Knowledge: Recasting the Contemporary U.S. Conflict between Religion and Science*. Berkeley: University of California Press, 2018.

¹¹ Disponível em: <https://www.luminoso.org/site/books/10.1525/luminos.47/>. Acesso em: 30 de novembro de 2019.

objeção. Há outros dois livros que eu poderia mencionar que poderiam ser bons para lidar com essa questão. Um é da Naomi Oreskes. Há um livro dela novinho em folha, *Why Trust Science?*¹². Em uma edição recente da revista *Time*, ela publicou um editorial como convidada¹³, no qual defende a confiabilidade da ciência. E há também um novo livro da Elaine Ecklund, *Religion vs. science: What religious people think*¹⁴, no qual ela sonda atitudes em relação a ciência e religião em, creio eu, oito países diferentes. Assim você tem uma pesquisa mundial realmente ampla.

[RT] Ano passado o senhor coeditou um livro¹⁵ sobre a “Tese do Conflito” na História da Ciência e Religião (uma interpretação de que ciência e religião sempre foram – e sempre serão – rivais). O livro deixa claro que o sucesso desse modelo historiográfico, agora ultrapassado, pode ser entendido ao se observar o contexto no qual foi produzido, um tempo em que cientistas lutavam por status profissional e posições institucionais. Que efeitos o senhor imagina que nosso contexto presente, especialmente considerando o crescente ceticismo quanto à autoridade científica, possa ter sobre a historiografia da Ciência e Religião?

[RLN] Creio que um deles é algo em que você já tocou antes: a internacionalização dos estudos de ciência e religião. Mesmo em uma única nação você encontrará diferentes versões de ciência e diferentes versões de religião. Então nós temos que ter bastante cuidado ao nos movermos mundo afora e especificar sobre quais grupos religiosos e científicos nós estamos falando. Há a “Ciência Cristã”, por exemplo, e a “Ciência da Criação”. E só porque algo é chamado de ciência, isso não justifica suas pretensões de cientificidade.

[RT] E o senhor acredita que a História da Ciência e Religião possa nos ajudar a lidar com essa complexa questão da autoridade científica?

[RLN] Bem... eu ficaria feliz em ver isso acontecer.

¹² ORESKES, N. *Why Trust Science?*. Princeton: Princeton University Press, 2019.

¹³ ORESKES, N. “Science Isn’t Always Perfect—But We Should Still Trust It”. *Time*, Nova York, 24 out. 2019. Disponível em: <https://time.com/5709691/why-trust-science/>. Acesso em: 30 de novembro de 2019.

¹⁴ ECKLUND, E.; SCHEITTE, C. *Religion vs. science: What religious people think*. Nova York: Oxford University Press, 2018.

¹⁵ HARDIN, J.; NUMBERS, R.; BINZLEY, R. (Eds.). *The Warfare between Science and Religion: The Idea That Wouldn't Die*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2018.